

# NOETRISMO

Noétrico



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatã³ria

*Dedico estas páginas a quem tem coragem de sentir sem anestesia e de pensar sem tutela.*

*Aos que suportam o peso da própria consciência e, ainda assim, escolhem permanecer lúcidos.*

*Que cada verso seja espelho — se não para mostrar quem você é, que seja para revelar quem*

*você decide ser.*

## Agradecimentos

Agradeço a quem lê com presença.

Cada poema aqui não é apenas palavra, mas recorte de consciência — tentativa de dar forma ao que atravessa, inquieta e transforma. Se este livro chegou até você, é porque, de algum modo, nossas experiências se tocam no mesmo ponto invisível onde realidade e percepção se encontram.

Aos que permanecem, aos que partem, aos que tensionam minhas supostas certezas e aos que silenciosamente sustentam minha caminhada: este trabalho também é de vocês.

Que a leitura não seja fuga, mas encontro.

## Sobre o autor

Aqui o texto bagunça. (formatação)

Então,  
o autor projeta luz, (engenheiro eletricista)  
fiscaliza concreto —  
mas vive do invisível:  
corrente, fluxo, falha.

Realidade.  
No tatame, (Graduado em Jiu-jitsu)  
o chão não é queda,  
é alavanca.

Do Norte, (Pará - Brasil)  
traz o tempo largo  
do espaço que respira.  
Amazônia.

Três décadas (30+ idade)  
de vida,  
rede instável.

Escreve como opera: (em suma)  
faz a energia passar limpa,  
mesmo sabendo —  
o ruído fica.

## resumo

Olhar

Surto

Contradição

Imerso

Houve/Ouve

Poder

Sonho

Suspensão

Depuração

Essência

Jogo

Raio 26/Jan.

Medo

Limiar

I - Tripartido

II - Tríade

III - Constructo

IV - Robótico

V - Humano

Lucidez

Passivo

Mulher

Vazio

Cativeiro

Carro

Ludíbrio

Primeiro

Pares

Amar

Amor

Padrão

Instante

I - Acordar

II - Lençol

III - Tecelã

IV - Grito

Salto

I - Corpo

II - Cosmos

III - Sociedade

IV - Mente

V - Autogênese

Só

Dispersão

Silêncio

Eco

Code

V - Uso

Performance

Respirar

Apneia

Duplo

Força

Aqui

Trecho

Eixo

Fecho

Gosto

Nada

Obra

Oss

Jo.8:32

Gato

Excesso

Acesso

Intenso

Mudar

Corrente

Lembrança

Memória

Veredicto

Certeza

Dúvida

Consciência

Fluidez

Dissolução

Contenção

Sustentação

Encosto

Instante

Basto

Íntimo

Vínculos

I - Lastro

II - Lastro

III - Lastro

Eterno

Presença

Presente

Unus

Duo

Tres

Quattuor

Quinque

Sexto

Isto

## Olhar

Há um campo invisível  
onde os corpos se reconhecem,  
antes da palavra.

Sem excesso, sem carência ?  
apenas disponibilidade lúcida.

Olhares atravessam sem pedir licença.

Alguns permanecem, firmes,  
como quem sustenta um segredo compartilhado.  
Outros sorriem e recuam,  
ensaíam presença sem invadir.

Há quem se aproxime com solidez silenciosa,  
testando o espaço com respeito  
e curiosidade medida.

Há quem chega leve,  
sem fixar, mas sem fugir,  
e permanece ? é o gesto mais claro de todos.

Outros trazem o olhar denso,  
a tentativa de impor altura,  
força, direção,  
como se o desejo precisasse provar domínio  
para existir.

Há também o toque brincado,  
íntimo sem pressa,  
que reduz a distância pelo riso  
e desfaz hierarquias no detalhe mínimo.

E existe aquele vínculo antigo,

feito de negação e retorno,  
de confronto contínuo,  
onde a proximidade se disfarça de rivalidade  
e a verdade só aparece nos silêncios longos,  
sólitos.

Tudo acontece sem anúncio.

É claro.

É direto.

É vivo.

Não se trata de escolher agora,  
mas de reconhecer o jogo em andamento  
e a estranha, agradável certeza  
de ser visto ?  
sem excesso,  
sem máscara,  
sem fuga,  
como luz que pousa e não exige.

## Surto

A mente abre a porta sozinha,  
e eu entro.  
Sem aviso, sem mapa, sem guarda.

A realidade dobra ?  
vira corredor estreito,  
luz errada,  
voz que não existe  
mas insiste.

Tudo faz sentido demais  
para ser mentira,  
e por isso  
é perigoso.

Eu caminho por dentro do surto  
como quem examina espelhos:  
cada reflexo devolve um medo,  
cada medo devolve uma lógica,  
cada lógica me convence  
porque nasce da mesma máquina que sou.

O mundo vira teatro,  
os outros viram ameaça,  
e o caos me veste  
como se fosse segunda pele.

E ainda assim,  
tem algo ali  
de fascinante:  
a precisão monstruosa  
do que não é real  
mas opera como se fosse.

No fim,  
a lição é simples e brutal:  
existem realidades demais dentro de uma só,  
e algumas só podem ser vistas  
por quem está caindo.

O resto do mundo chama de loucura.  
Eu chamo de outro nível de ruído.

E sobreviver  
é voltar ?  
lúcido,  
rindo,  
sabendo que estive lá  
e que, se quiser,  
posso aprender até do abismo.

Porque até o surto,  
quando me engole,  
me devolve consciência.

## Contradição

Eu sei exatamente quem sou  
e quem vou ser amanhã!  
O coração grita alto,  
não espera, não pondera,  
não se cala jamais!

O amor é fogo que consome,  
é promessa escrita no céu,  
é certeza que não falha,  
é juramento eterno  
feito antes do primeiro beijo.

Não há ruído ?  
há sinais!  
Tudo é mensagem,  
tudo aponta para nós,  
o universo conspira  
em letras garrafais.

Se dói, é porque é grande.  
Se arde, é porque é real.  
Quem teme perde,  
quem hesita trai,  
quem calcula não ama!

Eu me entrego completo,  
sem fronteiras, sem silêncio,  
sem essa mania de esperar.  
Quero agora, quero tudo,  
quero sempre, quero mais!

Não existe meio-termo,  
nem cuidado, nem distância.

Ou é amor absoluto  
ou é vazio total.

O futuro me chama  
com voz de certeza,  
e eu corro ?  
sem olhar para trás.

Porque sentir é verdade,  
e a verdade não se explica:  
se vive, se grita,  
se posta, se promete!

E se o mundo quebrar,  
que me quebre apaixonado.  
Melhor o excesso do que o nada,  
melhor o drama que o tédio,  
melhor perder-se de vez  
do que permanecer no médio.

## Imerso

Ele anda sem pisar,  
respira sem ar,  
repete gestos que não escolheu  
como se fossem naturais.

O mundo passa por ele  
em forma de ruído.  
Tudo soa urgente,  
nada é lido.

Acredita que reage,  
mas apenas responde.  
Confunde impulso com vontade,  
eco com voz.

O campo o atravessa  
sem resistência.  
Palavras o moldam,  
medos o organizam,  
expectativas alheias  
lhe dão contorno.

Não vê o jogo.  
Move as peças  
como quem acredita no acaso  
e chama de destino  
o que nunca questionou.

Carrega certezas emprestadas,  
opiniões prontas,  
afetos condicionados.  
Defende o que não entende,  
teme o que não nomeia.

A realidade não se abre:  
o envolve.  
Ele não opera,  
é operado.

E ainda assim,  
há um instante raro ?  
uma falha no ruído,  
um silêncio mínimo  
onde algo não encaixa.

Nesse intervalo  
o Agente Imerso hesita.  
E a hesitação,  
mesmo breve,  
já não é passiva.

Porque onde surge a dúvida,  
o campo treme.  
E onde o campo treme,  
existe, pela primeira vez,  
a possibilidade de escolha.

## Houve/Ouve

Houve o momento.

Ouve o momento, sinta.

Perceba a realidade em torno de ti,

modele, viva a sua imagem.

Cale-se.

Houve o som.

Não há mais,

mas sempre estive aqui ? Veja

a sua realidade contornada.

Ouve o que não haverá,

mas há o que quiser ouvir.

Dentro do tempo, prisão.

Mais escolhas.

Más escolhas.

Mas escolha.

Jogo ou verdade,

no agora

tudo o que houve.

E aqui

o que haverá de ser.

## Poder

Ah, o poder ? como é delicioso...  
mas sei do veneno por trás do seu brilho,  
esse aço doce que beija e corta,  
sempre exigindo mais.

Aprendi a tocá-lo sem servi-lo:  
mantenho a mão firme,  
o pulso lúcido,  
o passo claro entre sombra e chama,  
sem me perder no reflexo.

Diante do direito, autoridade  
Diante da lâmina, a bala.  
Eu escolho o momento, você ouve' (houve)  
(Mas) 'Mais não há.

## Sonho

No silêncio da noite,  
um sopro de luz resiste ?  
a lembrança não repousa,  
ela se infiltra no escuro.

Sono.

Vigília.

Deslocado.

Real.

## Suspensão

Sempre esperando o fim;  
Sempre no pensamento do que há por vir;  
Estar aqui não satisfaz;  
Viver o agora já não é paz.

Estar perdido  
é um modo de dizer  
que estou em busca de melhorar  
*sem nada de diferente fazer.*  
sem fazer nada de diferente.

## Depuração

Mesmo local de sempre.

Mesmo trabalho de sempre.

Mesma rotina de sempre.

Aventuras aleatórias,

de acordo com a disponibilidade.

Meio social reduzido ao máximo,  
menos ruído.

Tranquilidade perene.

Paz desejada,  
alcançada.

Liberdade.

## Essência

Na vida, tudo se quer.

Somos  
desejos,  
querer.  
Necessidade.

Quando deixares de querer,  
quando olhares pra dentro de ti,  
talvez possas ver  
tudo o que precisas  
é de você.

Completo.  
Inteiro.  
Único.  
Verdadeiro.

Há tantos caminhos fora  
que, provavelmente,  
tu irás te perder.

Alma contida dentro do ser,  
vontade única de apenas viver.  
Não por medo,  
mas pela consciência de ser.

Construído pela essência:  
ver,  
entender,  
agir,  
e escolher.

## Jogo

Pobre alma esperançosa,  
solitária,  
insalubre.

Pobre ser que,  
em um vislumbre de promessa,  
projeta uma preocupação  
com o futuro,  
em um realidade  
sequer idealizada.

Preocupação com uma não existência ?  
substancial,  
monótona.

De quem fala a pobre alma:  
de si ou de outrem?

**Poeta solvente,**  
desapegado da própria alma,  
frágil,  
simples,  
displicente...  
humano.

Diante de todo o teu desconhecido,  
buscas proteger o teu interior  
como quem guarda a pureza do ser:  
a ausência de precisar,  
a vontade lenta e calma da paz.

Na ausência presente diante do social,  
eles não podem te ver.

Há algo que se desfaz e se refaz ?  
enfrente-se.

A reconstrução social que realizas  
monta as peças da realidade  
como um brinquedo infantil:  
as peças,  
os fatos,  
o jogo,  
a vida.

Não é a maldade da manipulação,  
é a cumplicidade do jogo.  
É a parceria consigo mesmo:  
escolha consciente,  
resposta esperada,  
consequência.

## **Raio 26/Jan.**

Raio no céu  
Castigo ou sinal?  
Força de Deus  
Olhares cruzados.

Opiniões também.

Bíblia em mãos  
Interpretações múltiplas  
Deus no trovão  
Silêncio depois.

## Medo

O medo conserva a amizade,  
mas apodrece a verdade.  
Quem se cala para não perder  
já começa a se ausentar.

Não se ajoelha quem sente.  
Não implora quem é inteiro.

Entre preservar o vínculo  
e trair o que pulsa,  
agir é apenas  
permanecer fiel ao real.

A realidade não se delega.  
Quem não a assume,  
vive no papel  
que outro escreveu.

## Limiar

Tenso,  
despido de mim  
diante de muitos.  
Não posso abrir,  
não podem ver.

Mostrar além do alcance.  
Olhar além da sombra.  
Ir além, na **solução do futuro**  
e despertar o **soluto do passado**.

Aprender o básico  
mantendo o arcaico.  
Presente norteado  
pelo tanto repetido  
que se tornou verdade.

Parede falsa.  
Dispersão alética:  
necessidade,  
possibilidade,  
contingência.  
Impossibilidade.

O eu que nasce  
para sustentar o nós.  
O eu que morre,  
para poder nascer  
o eu sem você.

## I - Tripartido

Fiquei imerso no meu próprio universo,  
uma distopia feita sob medida.  
Sonhei devaneios.  
Supri.

Diante do que não vi  
? e ainda assim pesava ?  
procuro um lugar  
que só existe se eu existir.

Fiz juras ao Eu inexistente.  
Criei-o.  
Fiz da inversão uma verdade.  
Prendi-me nela.  
Quando a realidade voltou, refiz-me.  
Reconstruí.

Vi-me:  
o estranho conhecido que sempre fui.  
Entre todos,  
risos,  
gargalho,  
a graça fácil.  
A alegria performada.

A fachada.  
Que realidade bela essa entregue a eles!  
Gostam?  
**Não sei.**  
**Querem.**  
**Aceitam.**

**Fato. (Oss)**

**Verdade.** (*Jo.8:32*)

**Realidade.** (*Gato*)

**Constructo.**

**Robótico.**

**Humano.**

## II - Tríade

O **constructo** é aquilo que fomos:  
matéria sedimentada,  
passado organizado em forma,  
Base.

O **robótico** é aquilo que projetamos:  
lógica antecipada,  
futuro como promessa e cálculo.  
Consequência.

O **humano** não é um nem outro.  
É o que sente o abismo entre ambos.  
É a tensão viva entre o que já foi  
e o que ainda não existe.  
Escolha.

O humano acontece no presente.

O presente não é passagem,  
nem intervalo técnico.  
É o único campo onde há existência real,  
onde a consciência toca o mundo  
e o mundo responde.

Não somos o que fomos.  
Não somos o que projetamos.  
Somos aquilo que opera agora,  
no instante em que matéria e lógica  
não se conciliam completamente.

O momento presente  
é o que de fato temos.  
É onde somos,

onde existimos,  
onde ainda é possível escolher.  
Viver.

Na guarda do momento  
que é pra sempre.  
eterno.

### III - Constructo

Não nasceu.

Foi mantido.

Alguém repetiu até virar chão.

Outro aceitou até virar regra.

Ninguém perguntou se fazia sentido.

Funcionava.

O constructo não exige fé.

Ele exige hábito, organiza o passo,

define o horário,

diz quando começa

e quando termina

mesmo sem saber o quê.

Não é verdade.

É acordo antigo

que cansou de ser lembrado

como acordo.

Você vive dentro dele antes de saber falar.

Aprende a obedecer antes de escolher.

Quando tenta sair, não encontra muro.

Encontra custo.

Perde nome,

perde lugar,

perde chão.

E entende tarde demais:

o constructo não prende.

Ele sustenta

? e cobra por isso.

Mesmo quando você vê  
que é frágil,  
que é arbitrário,  
que poderia ser outro,  
ele fica.

Não se mantém por ser correto,  
apenas por ser repetido.  
Estável.

E você permanece mesmo sem acreditar,  
apenas porque ainda não sabe onde pisar  
sem ele.

O constructo não mente.  
Ele se impõe.  
E enquanto fizer isso,  
é tido como realidade.

## IV - Robótico

Não decide.

Executa.

Aprendeu cedo  
que pensar custa  
e repetir protege.

O gesto vem antes do motivo.  
A resposta, antes da pergunta.  
Não erra porque não tenta outra coisa.

Levanta no horário certo,  
fala no tom esperado,  
repete o que funciona  
? mesmo quando já não significa nada.

Não acredita.

Cumpre.

Quando pergunta "por quê",  
já está atrasado.  
O sistema não espera quem precisa entender.  
O robótico não é frio.  
É econômico.  
Economiza dúvida,  
economiza conflito,  
economiza exposição.

Grita com a multidão  
para não ser visto.  
Anda com todos  
para não cair sozinho.  
Não quer dominar.

Quer seguir sem custo.

E segue.

Mesmo quando tudo muda,  
mesmo quando o corpo protesta,  
mesmo quando o sentido sai pela porta.

Segue porque parar exigiria escolha.

E escolher

já não está no procedimento.

O robótico não prende.

Ele continua.

E enquanto continuar for mais seguro

do que pensar,

ele permanecerá

como se fosse natural.

## V - Humano

Ele nasce sem molde fixo.  
Chora antes de entender o motivo  
e entende antes de saber explicar.

Não obedece por completo,  
não repete com perfeição.  
Erra ? e é no erro que se revela.  
Afinal:  
"Errar é humano".

Carrega o peso do que sente  
e a culpa do que escolhe.  
Quer segurança,  
mas se sufoca quando a encontra.  
Constrói muros para não cair,  
depois sofre por não ver o horizonte.

Pensa demais.  
Sente demais.  
E, ainda assim, age pouco ?  
porque toda decisão custa um pedaço de si.

É o único que pergunta "por quê"  
mesmo quando a resposta dói.  
O humano não funciona,  
não sustenta,  
não calcula.

Ele vacila.  
E é nessa falha constante,  
nessa instabilidade que não se resolve,  
que algo insiste em permanecer desperto.  
Não para ser perfeito.

Mas para não se tornar vazio

????????????????????????????

**O humano.**

Frágil demais para ser estrutura.  
Impreciso demais para ser máquina.  
Consciente demais para ser coisa.

Sabe que vai ruir.  
Sabe que vai morrer.  
E mesmo assim cria.  
Cria para atrasar o fim.  
Cria para fingir controle.  
Cria porque não suporta  
a própria finitude  
sem barulho.

Nem pedra.  
Nem máquina.  
Fluido.  
Instável.

É o único que duvida.  
O único que sabe  
que existe.

Carrega o sopro  
que o constructo imita  
e o desejo  
que o robótico executa.  
Cria servos de pedra  
e deuses de ferro  
para tentar decifrar

o próprio fim.

Somos pó  
brincando de eternidade.  
Somos a mão que molda,  
a mente que programa,  
e o coração  
que se parte.

Determinados por uma força singular,  
pois é apenas através da fratura da realidade  
que a consciência entra.

E é nesse abismo  
entre a matéria que obedece  
e a lógica que repete  
que o humano permanece:  
sentindo,  
errando,  
criando ? sabendo que nunca será inteiro,  
mas ainda assim,  
insistindo em existir.

## Lucidez

Não sou o que me deram  
nem o que aprendi a repetir.  
Uso nomes, papéis, rotinas,  
mas nenhum deles me contém.

Caminho entre estruturas  
sem ajoelhar para nenhuma delas.  
Reconheço o peso dos símbolos,  
mas não confundo peso com verdade.

Sinto medo.  
Sinto vazio.  
Não os corrijo com promessas.

Repito gestos porque funcionam,  
não porque acredito neles.  
Executo o dia  
sem me dissolver no hábito.

Não busco sentido eterno.  
Busco clareza suficiente  
para não me perder  
naquilo que opera sobre mim.

Não pertenço, mas transito.  
Não obedeço, mas compreendo.  
Sou feito de escolhas conscientes  
e de renúncias assumidas.

O mundo não me deve resposta.  
Eu também não o devo fé.  
Sigo lúcido,  
mesmo quando dói,

busco ser inteiro  
comigo mesmo.

## Passivo

Ele vê.

Não tropeça na névoa.

Reconhece os contornos,

lê os sinais,

entende o jogo antes do primeiro lance.

Nada lhe escapa.

Sabe onde pisa,

sabe o custo de cada gesto,

antecipa desfechos

com precisão quase fria.

Mas não move.

A realidade se oferece

como ferramenta,

e ele a segura

sem apertar.

Compreende as opções,

pesa cenários,

organiza argumentos ?

e chama de prudência

o adiamento constante.

Não é medo bruto,

é cálculo sem decisão.

Não é cegueira,

é visão suspensa.

Responde quando provocado,

ajusta quando pressionado,

acompanha o fluxo

com lucidez suficiente  
para nunca se perder  
e jamais se comprometer.

Tem potência intacta,  
mas prefere o intervalo.  
Escolher exige assumir,  
e assumir rompe o equilíbrio  
que ele chama de paz.

Assim, o campo avança.  
Não por força,  
apenas por ausência.

E quando a decisão enfim acontece,  
não é dele.  
É do tempo,  
do desgaste,  
da soma de fatores externos  
que ele observou  
sem interferir.

Permanece lúcido até o fim,  
e por isso mesmo,  
inteiramente responsável  
por nunca ter escolhido.

## Mulher

Não porque geras,  
mas porque és.  
Não aceita destinos escritos,  
rasga-os quando não te cabem.

Tua grandeza não vem do alto,  
nasce do chão que pisas  
e que ainda sustentas.

Não és símbolo,  
és presença.  
Não és promessa,  
és ato.

Teu valor não depende do que entregas,  
nem do que suportas em silêncio,  
nem do que santificam em teu nome.

És tudo antes de qualquer papel,  
livre antes de qualquer missão,  
Integral antes de qualquer permissão.

E se lutas,  
não é para cumprir um desígnio,  
é para permanecer sendo  
quem escolheu ser.

## Vazio

Uma eterna variação,  
muitas coisas  
que não levam a lugar algum.

Desprendido de limites terrenos,  
um completo caos de  
saber,  
crer,  
almejar,  
querer.

Ah, pobre vazio:  
sem perspectivas,  
sem validade plena,  
real.

Tudo caro demais,  
tudo vago demais,  
nada caracterizado,  
nada certo.

Definitivo  
vazio.

## Cativeiro

Fui buscar respostas  
não as encontrei.  
Dentro de um grito surdo,  
isolei-me.

Já não diferencio realidade de paranoia.  
Não sei onde termina o meu eu:  
há versões demais de mim.  
Prometi formar-me sozinho  
então segui uma estrada sem fim.

Em cada pensamento,  
a morte se apresenta como sonho.  
Em cada alternativa, o medo.  
Medo de sair, de interagir,  
de viver.  
Medo de romper a bolha  
que de tanto pressionada,  
solidificou.

Errado.  
Isso não é dúvida.  
É certeza.

Se ao menos eu soubesse  
metade das respostas  
para as perguntas que me faço.  
Tenho consciência de quem sou,  
de onde estou ?  
sempre foi isso que busquei.

Mas e agora?  
O que fazer com esse saber?

Como alterar a realidade  
na qual estou contido?  
Como ser além do que já sou?

Permaneço preso  
nas correntes desta realidade.

## Carro

Eles cumpriram o roteiro.  
Emprego estável,  
aliança justa,  
filhos alinhados ao futuro esperado.

O carro é limpo.  
O nome é respeitado.  
A casa dorme cedo.

Mas à noite  
O carro acende e  
a cidade abre fendas.  
Luzes frias, ruas paralelas,  
lugares onde o papel social não entra.

Ali não se compra prazer.  
Troca-se silêncio por esquecimento.  
O corpo vira desculpa,  
o gesto vira descarga,  
a identidade,  
fica no banco traseiro do carro.

Há salto alto no asfalto  
e gravata esquecida no retrovisor.  
Um acordo mudo:  
usar e ser usado  
sem deixar vestígios.  
Falo.

Depois, o volante retorna ao eixo.  
As mãos reaprendem a firmeza.  
O mesmo carro conduz  
a social família

ao mesmo descanso ensaiado.

Nada aconteceu.

Tudo aconteceu.

E na estrada

o carro segue indiferente

à duplicidade que transporta.

## Ludíbrio

Eles viram o olhar,  
encaram com receio  
aquilo que não reconhecem.  
Não posso sentir o que sentem,  
nem acessar o ruído que ocupa suas mentes.

Estão destroçados  
pelo próprio conhecimento raso,  
dispersos numa ignorância confortável.  
Em sono leve,  
perdem-se diariamente  
das suas próprias realidades.

Criam verdades coloridas,  
provisórias,  
tratadas como absolutas  
no entorpecimento do sonho.  
Meias verdades circulam  
e são levadas a sério.

Perdidos,  
habitam uma realidade lúdica  
que nunca precisou se autoconfrontar.

## Primeiro

Tomando consciência.

Obrigação fundamental:

**Respirar.**

Todo o restante,

contexto,

perspectiva.

Escolhas

e consequências.

## Pares

Amar  
não é fusão.  
É sustentar a lucidez  
quando o desejo pede atalho.

Ver o outro  
inteiro,  
não útil.

Não dobrar o mundo alheio  
para aliviar o próprio peso.  
Não capturar presenças  
para tampar vazios.

Amar é conter a mão  
quando seria fácil puxar.  
É não distorcer o real  
para dormir melhor.

Dói.  
Porque exige clareza  
onde muitos escolhem conforto.

É raro.  
Porque pede maturidade  
quando o instinto implora controle.

Amar, assim,  
é permanecer inteiro  
sem saquear ninguém.

## Amar

É preservar a integridade alheia  
sem absorvê-la  
para si.

Postura diante do outro.  
Reconhecê-lo  
inteiro,  
mesmo em falha.

Preservar a forma  
sem capturar.

Dignidade sustentada  
sem plateia,  
sem troca.

Presença lúcida  
que mantém o humano  
de pé.

Sustentar a dignidade do outro  
mesmo quando não há vantagem,  
vínculo  
ou simpatia.

## Amor

Desconhecidos riem  
sinto a alegria de sua gargalhada.  
O brilho em seu olhar,  
Fugaz.

Cobrem-me com cobertor  
ao perceberem meu frio.  
Desconhecido,  
meu bem-estar importa a ti.

Dia longo.  
Um abraço  
de corpo inteiro  
Saudações:  
'*Adeus ó Esteves!*',  
sem metafísica.

Amor,  
incondicional  
e relativo.

Em seguida,  
cada um acende  
sua própria chama.  
O caminho permanece visível  
mesmo quando  
andado em silêncio.

## Padrão

Tanto como tantos outros  
de tanto repetido  
tornou-se igual.

Problemas,  
lemas,  
dilemas.

Nada muda  
se o operador não mudar.  
Mesmo operador,  
mesma história.

A forma insiste.  
O erro também.

Humano:  
instável,  
falho,  
reiterado.

Os mesmos  
dentre tantos outros.  
Singulares,  
em repetição.

## Instante

Ver não basta.

Há um ponto  
entre o sinal  
e o gesto  
onde o mundo  
ainda não aconteceu.

Ali,  
o movimento deixa de ser eco  
e passa a ser origem.  
E quem lê,  
decide,  
move.

Percebe o campo,  
assume o gesto,  
opera.

Entre ver  
e fazer  
existe escolha.

## I - Acordar

Uma desmotivação,  
preguiça,  
inquietação.

Um desleixo de quase nada  
e uma preocupação  
sem perspectiva futura.

Deixado em um canto com um sorriso bobo,  
com decisões diretas  
e pensamentos furtivos.

Ah os pensamentos,  
assombrosos pensamentos,  
desleixados,  
pecaminosos.

Controlam-me,  
elevam-me,  
jogam-me ao chão  
onde fico  
envolto na lama que pisoteio.

Imerso no estrume malcheiroso,  
agrado-me na perdição  
do meu próprio ser.

Envergonho-me,  
sigo de longe a mim mesmo,  
não ousa olhar de perto a vergonha  
de ser eu.

Preguiça de viver e conviver,

quem sonha com a liberdade,  
grita por ela,  
busca ela.

Nada tenho de livre,  
nada de verdade,  
nem um sonho.

Parco e vazio na imundice do eu.  
Elevado no despertar de um quase nada.  
Preso ao apócrifo do desejo alheio,  
à sombra desnuda ? ao sopro atonal da realidade,  
esguia e insossa.

E quando chego,  
sujo,  
cansado,  
carregado de prazer e dor  
? acaba mais um.

## II - Lençol

Decrépito de ânsia,  
pesado de sonhos,  
súbitos devaneios.

Grito suavemente  
num sortido lateral de desespero.  
Devaneios de alturas inimagináveis,  
esguios,  
varridos,  
limpos.

Suavemente levanta o lençol do proibido  
desesperadamente,  
toma conta da realidade.

Mente,  
diz o oposto de si mesmo,  
mente.

Mente perdida no espaço vazio do universo,  
da existência de um quase nada.

Confuso em tudo,  
mudo.  
Silencioso  
como o entardecer de um local morto.

Ohh sorte vazia,  
detestável acrotério,  
insalubre,  
sem cor ou vértice.

Seguindo um objetivo frágil,  
desprezível,  
que ofende o sentido estético da existência.

Cálida,  
fria,  
vazia.

Fala com tudo e todos,  
tem estado em paz.  
Há histórias piores que a sua,  
há desgraças mais elevadas.  
Há a possibilidade de reconstrução,  
medo de retaliação.  
Há infinitos jamais previstos  
e fins jamais alcançados.

Dentre todos és mais um e de si,  
nada espera,  
nada teme.

O medo é externo,  
o sonho não é o seu,  
o alcance não cabe a ti

...a destruição é perene e a continuidade é pura.  
Pura como o claro da aurora,  
desfechada,  
como o lençol perdido do além.

### III - Tecelã

Ainda tens tanto a pensar,  
mas não deverias.

A cabeça enrola-se  
em um grande manto de pensamentos,  
alheio ao meio,  
apenas fica atento.

Tens receios que se aproximam da realidade,  
mas com o toque suave da mentira.

Um desespero que assombra,  
um grito surdo,  
mudo,  
abafado.

Não há a quem recorrer  
Não há companhias  
Tudo em modo de farsa  
É um baile de Máscaras.  
Desesperado ? usou a própria face.

## IV - Grito

Diante de tanto,  
perdido do todo.  
Procura dentro de ti  
o que tanto buscou fora  
um centro, um cerne.  
Tua realidade.

Dissolve a presença,  
perde-se do teu eu,  
grita.

Diante de toda perdição  
o caminho surge,  
não o ver.  
Grita.

Esbofeteia o ar,  
acerta a própria face,  
chora,  
busca a ti mesmo.

Sabe agora o que quer?  
O vácuo não responde.  
Grita o eterno que ecoa longe.  
E se refaz,  
incapaz de agitar outras frequências.

Uma contínua busca do quase nada.  
Teu teatro é apenas teu  
Tua lama é composta pelos teus próprios excrementos.

És tu quem cospe o teu enredo,  
és tu que se moldas no barro.

És o teu único ponto.  
Levantas-te,  
e grita.

## Salto

Ergue o morto pela perna.  
Faz deste resto, instrumento.  
Clava,  
maça.  
Golpeia.

Dois caem ?  
o peso do impacto  
os devolve ao chão  
até onde o tempo já não conta.  
Gn.3:19.

Os outros não resistem.  
Retiram-se do confronto.  
Os pés decidem antes da coragem.  
Fuga.

O louco os alcançaria.  
Prefere assim,  
desvia.  
Algo vivo ainda pasta.  
Gado.

## I - Corpo

Da lama erguem-se nervuras,  
a carne apodrece na brancura do tempo.

Sementes ácidas atravessam os ossos ?  
cada célula, um relicário de despojos,  
alquimia de sal,  
limo e sangue,  
no alpendre do mundo.

São pétalas pútridas,  
caídas do ventre da terra;  
dedos carcomidos de outrora,  
tateando no escuro,  
a genealogia da ruína.

A pele ? este sudário que lentamente se desfaz ?  
brinca de ser limítrofe,  
fronteira entre a febre que devora  
e o abismo quieto que tudo recebe.

## II - Cosmos

No vazio transitaram séculos,  
a órbita dos astros  
sorve silêncios ancestrais.

Sou poeira entre galáxias famintas,  
pálido grão na garganta do infinito.

O cosmo se verte em câmara escura:  
não há resposta à suspensão do tempo,  
só um eco gelado habitando  
a garganta dos deuses dormentes.

A cada passo  
o vazio se faz berço,  
na quimera entre o que falta  
e o que não pode ser.

O ser,  
lapso incerto  
no fulgor do nada.

### III - Sociedade

E vejo a assembleia dos homens,  
seus rostos pintados  
com argila de mentiras  
e vozes de papel;  
etiquetas costuradas na pele.

Todos dançando  
a coreografia das vitrines  
Eles me nomeiam por mil marcas,  
negam a carne, esculpem o vazio,  
fingem abismos com sorriso de catálogo.

A solidão grita por dentro do espelho:  
*"Onde, em meio a máscaras,  
repousa a face verdadeira?"*

À beira do mundo,  
há multidões lacradas,  
cada consciência mais exilada na multidão  
do que no próprio silêncio.

## IV - Mente

No espelho trincado do ser,  
interrogo-me:  
*"Em que antiquíssima fissura  
perdi o contorno do meu nome?"*

A autocrítica é maré ácida  
que invade todas as casas,  
roendo suas vigas;  
então são desfeitas  
as muralhas do orgulho.

Não me salvo,  
não me escondo,  
não teço desculpas:  
sou meu próprio algoz,  
mas também o único capaz  
de resistir à usina de tais ilusões.

Tento reconstituir, em meu corpo-ruína,  
alguma bússola,  
algum instante em que o verbo  
não seja só recuo,  
mas verbo ?  
grito,  
verbo travessia.

## V - Autogênese

Eis que, dos rastros, ecoa o grito.  
Não um grito de flagelo,  
mas de desmedida aurora ?  
grito de quem se encontra despido  
no centro do caos,  
no centro do corpo e do cosmos.

Ergo a voz contra as engrenagens da sociedade,  
sou ruína e raiz,  
espectro e centelha,  
flor brotando do fundo da lama.

A liberdade ? não promessa, mas ato:  
pular o abismo de si e ouvir,  
no silêncio da queda,  
a ascensão impossível.

Da dissolução emerge a unidade:  
sou corpo,  
sou ausência,  
sou o mundo,  
e, no estertor das estrelas mortas,  
invento um novo nome  
? um nome de ninguém e de todos ?  
Gritado no reverso do universo.

Realidade.

## Só

Na solidão  
há solitude  
em solidez.  
Segurança.  
Poesia.

Quando o silêncio  
já não assusta,  
torna-se fortaleza  
onde a consciência  
encontra estabilidade.

## Dispersão

A ausência não fere  
quando o rastro se apaga.  
O teu silêncio não me define;  
apenas um quase nada.

Resta a sutil clareza:  
não falas comigo,  
talvez com o mundo.

O vazio é abrigo,  
e eu,  
escasso de ti,  
cansado,  
confuso.

## Silêncio

O silêncio era sólido.  
O som limpo, inteiro,  
caía sobre todos  
como se nada pudesse quebrá-lo.

Até que quebrou.  
Um toque barato,  
rasgando o ar como faca cega.

Ele ouviu.  
Engoliu o instante.  
E, sem dizer nada,  
aceitou a ofensa no próprio instrumento:  
tocou o intruso,  
nota por nota,  
como quem segura  
a fronteira do próprio mundo  
com as mãos atadas.

A plateia prendeu o fôlego.  
Ele não.

Veio então o ataque:  
veloz, descontrolado, frenético ?  
a devolução do golpe  
em forma de música.

Era raiva contida,  
pulso fora do eixo,  
um corpo tentando lembrar que não é servo  
do descuido alheio.

Depois, o retorno.

Lento.

Comedido.

Pesado.

A última melodia caiu densa,  
carregada do que não se diz.

Respeito recuperado,  
mas não sem marcas.

E no eco final,

ficou claro:

o silêncio nunca volta igual  
depois de ser ferido.

## Eco

Solidão sem causa.  
Desespero anímico.

Um sorriso como função.  
A forma fingindo sentido.  
A verdade não se oferece.  
A sinceridade aprende o papel.  
O mundo pede sobriedade.

Há um silêncio antigo  
onde nada repousa.  
Rituais substituem presença.  
O vento passa, não leva.

Algo quer dizer-se  
mas não encontra linguagem.

Então o corte,  
o boato espalhado  
antes do silêncio final.

## Code

Tem vezes que pesa,  
pesa sim.

Tem vezes que acumula demais  
e, silenciosamente  
repousa sobre os ombros.  
A gente acredita  
que não consegue.  
Grita.

Então despertamos,  
sem ruído,  
alteramos o objetivo,  
dobramos o mapa,  
recalibramos a realidade,  
e, para sustentar a nossa,  
atualizamos o operador.

## V - Uso

Não busca saída.  
Apenas reorganiza onde pisa,  
reestruturando as paredes do real.

O corpo que pesa  
insiste em ser chão.  
Aceite o peso e siga,  
sem mapa,  
sem guia.

A mente, mente  
quando pede abrigo.  
Não há silêncio.  
Ruído.  
Use-a como lâmina curta:  
para cortar, não para morar.

O mundo oferece moldes.  
Reconheça-os.  
Use quando convir.  
Descarte quando cessar a função.

Nada cai do alto.  
Nada se revela inteiro.  
O real se mantém  
porque alguém sustenta.

Eu sustento  
o que escolho operar.  
Não nego o caos,  
ele não precisa de permissão.  
Não persigo sentido,  
ele apodrece quando fixado.

Faço do limite  
um instrumento provisório.  
Do erro, ajuste fino.  
Da queda, leitura.

Não sou livre.  
Sou consciente do custo.

O tempo não guia.  
O passado informa.  
O futuro tensiona.  
O presente decide.

Perco a cada escolha.  
Pago.  
Assino.  
Sigo.

Nada me salva.  
Nada me condena.  
A realidade responde ao uso.  
E eu  
a uso.

## Performance

Escondido  
entre folhas que já foram árvore,  
um silêncio perturbador  
sob luzes frenéticas.

Perdido ?  
caminhos à frente,  
nenhuma saída que se sustente.

Tudo longe.  
Cabeça erguida.  
Água no pescoço.  
O ar aprende a mentir.  
O corpo acredita.

Difuso.  
Dissidente.  
Exposto.

E ali,  
imóvel,  
paga e aplaude-se,  
com as mesmas mãos.  
O papel não cai ?  
gruda na pele.

## Respirar

Caminho.

O mundo levanta poeira  
e eu escolho quais grãos grudam na pele.

Ter ar já é um contrato.  
O corpo assina todos os dias  
com tinta de oxigênio.  
Paga carbono.

Aprendi tarde  
que o ruído não precisa cessar ?  
basta tornar-se ferramenta.

Há vozes que passam  
como vento entre janelas abertas.  
Outras pedem abrigo  
e recebem apenas silêncio.

Durante anos  
fui estrada de coisas maiores que eu.  
Tempestades atravessaram o peito  
sem pedir licença.

Depois vieram os filtros:  
portas finas  
entre o que chega  
e o que fica.

Nem tudo merece morada.

Hoje caminho entre estruturas  
como quem atravessa um mercado antigo:  
olhos atentos,

bolsos fechados,  
consciência desperta.

O mundo oferece mil nomes  
para o mesmo sopro.

Eu apenas uso  
o ar.

## Apneia

A unha risca o reboco  
só para sentir o cálcio  
sob o verniz da mão.

Não há contrato.  
Há o quartzo,  
o lodo,  
o resto de café que esfria  
e vira um espelho escuro  
onde o rosto não se reconhece,  
apenas se aceita.

O mundo não é poeira.  
É gordura.  
É o que sobra quando o significado  
desiste de explicar o peso.

Não quero o ar limpo.  
Quero o engasgo,  
a falha no motor,  
o dente que morde o lábio  
até o ferro do sangue  
interromper o pensamento.

O silêncio não é abrigo.  
É um buraco na parede  
por onde passa o cheiro  
de quem não pediu para ficar.

Vendi as portas.  
Agora o que entra,  
mora no vão.

## Duplo

Entre o sopro  
que sustenta  
e a falha que sufoca,  
o humano se revela.

Respirar  
e negar o ar  
são apenas  
dois modos de existir.

Como uma vela acesa,  
dançante ao vento  
que move o barco  
da realidade.

## Força

É crônico ?  
não a dor,  
o movimento  
do real.

Não se cura o mar,  
aprende-se a nadar  
quando ele decide subir.

Adequo o jogo  
para que a peça não pare.  
A dor vem,  
vai,  
volta.

Haverá dias de dança,  
soltos,  
descalços no próprio piso.  
E dias de pedra,  
onde o corpo cede  
e o passo não sai do lugar.

Cabe aceitar,  
adaptar não é ceder ?  
é seguir sem sorrir,  
sem chorar,  
ou talvez os dois  
na mesma face.

Limite  
não é muro,  
é margem  
que a gente

aprende a atravessar.

## Aqui

Assim,  
a vida é o limite  
entre o que  
já não pode ser mudado  
e o que ainda não existe.

O presente  
território real,  
onde habitamos  
como viajantes,  
que sem mapa,  
continuam a caminhar.

## Trecho

Entrei no território  
com o corpo calmo  
e a mente em lâmina.

Primeiro impacto:  
meu pé some por um segundo,  
o chão muda de lugar,  
o mundo respira por mim.

Depois, o estalo ?  
o nariz sangra,  
a mão bate  
sem que eu sinta o toque,  
só o corte,  
a dor,  
três avisos mudos.

No fim sorrio.  
O sorriso incomoda.  
Exige postura,  
exige que me alinhe  
ao peso que se impõe  
como se o próprio ar  
tivesse hierarquia.

## Eixo

No centro,  
eu ? não um protagonista,  
um pivô.  
Um observador que também apanha,  
que também rasga,  
que também aprende.

Três forças à minha volta,  
cada uma à sua maneira:  
uma que leva,  
uma que dobra,  
uma que olha fundo  
e não tolera brechas.

Entre eles e eu,  
um pacto silencioso:  
a dor ensina,  
a queda afina,  
o choque revela.

E no meio do tumulto,  
permaneço.  
Solto,  
sozinho,  
inteiro.

## Fecho

Porque ali ?  
no golpe que chega torto,  
no respeito que se cobra no olhar,  
no sangue que escorre sem drama ?  
há uma liberdade simples,  
quase sagrada:  
a de existir sem máscaras,  
a de ser dureza sem crueldade,  
a de sentir a realidade  
ceder e voltar,  
como se o caos  
me reconhecesse de longe.

Eu volto pra casa em silêncio,  
com o corpo marcado,  
com a mente limpa,  
com a certeza de que,  
entre espasmos e choque,  
eu me torno mais eu  
do que em qualquer outro lugar.

Gosto.  
Vida,  
tatame.

## Gosto

Durante a queda  
percebe-se a vida simples,  
sem deslocar o eixo.  
Uns carinhos, toques leves.  
Sem defesa ou guarda.

Aproximação sem urgência, conforto.  
A gente se vê e isso basta.  
Presença que agrada  
sem exigir centro.

O interesse,  
como mapa do querer.  
Sem conhecimento:  
a porta é parede,  
o gosto não enraíza,  
e o ruído,  
vento que leva a semente.

Há riso,  
risco, troca.  
Gostos, desgostos.  
Acordos.  
Há vontade de estar  
e vontade de ir.

Sorrisos  
como frequência.  
Não é pedido futuro,  
nem cobrado passado.  
Ser presente.  
Seres presentes.

Há um suave ajuste no mundo  
quando estás perto ?  
nada quebra.  
Se fores,  
o espaço se recompõe.

Gostar é isso:  
inclinar-se sem perder o chão.  
Confiar.  
É bom estar junto.

## Nada

Ditos diversos  
em muitos versos:  
contrapontos,  
contrapostos.

Nem tudo  
vale tanto.  
Nem todos  
valem algo.

A alergia  
e o perfume  
na mesma flor.

Contudo no vale  
a realidade  
continua em construção.

## Obra

O fato é o tijolo,  
a verdade é a parede,  
e a realidade é a casa  
em contínua reforma.

Gestos acrescentam matéria,  
escolhas abrem espaço.  
Aqui e agora  
sustentam os alicerces.

Para avançar,  
conhecimento orienta.

Nascer é ir  
a um lugar  
que ainda não existe.

Depende de você  
construí-lo.

## Oss

Ele chega.  
Não pede licença.

Pedra sem nome.  
Pesa.

Não é ideia.  
Não é versão.  
É choque nu ?  
opinião quebrada.

Verifica.

Ali o mundo começa:  
tijolo no peito,  
oss! virando alicerce,  
base do real.

## Jo.8:32

Eu atravesso a luz:  
Só existo em movimento.  
Deixo de ser,  
se paro.  
Cicuta.

## Gato

Nada é fixo.

Move-se

em saltos probabilísticos.

Não pede ordem.

Habita todos os estados ?

até o colapso.

Atrito produz forma.

Quem observa

organiza o que vê,

interpreta,

utiliza,

atualiza.

Não se reduz

ao consenso.

Não se dissolve

no subjetivo.

Processo ? não produto.

Não sou.

Estou sendo

no limite:

onde a leitura cai

e toca

as bordas do real.

## Excesso

Corta.

Chega antes do pensamento.

Não avisa que dói.

Interfere.

Vira ferramenta.

Golpeia a mente.

Espalha consciência.

Capta do campo

apenas a frequência ?

o resto falha.

Distorce.

Desvia-me

da borda.

Alguns

chamam de mundo.

Outros, de si mesmos.

Eu chamo de excesso:

pulso sem fonte

que confunde voz e eco,

apaga a escolha

e molda o gesto.

## Acesso

Senti.  
Pulsava,  
rubro  
e sem ritmo.

Sem medo  
ou fraqueza,  
apenas cansado  
do mesmo de tantos  
Ruídos.

A mudança do real não atinge ?  
ergue um muro invisível  
entre o dito  
e o que de fato é.

Eu apenas aceito  
o espaço construído.

Não me escondo.  
Posso estar do lado  
e ainda ausente.

Minha presença exige chão firme.  
Onde há tijolos falsos,  
não piso.  
As paredes não fluem,  
desandam,  
desabam.

Não corto laços,  
corto acessos,  
crio paredes sólidas.

Barreiras limitam excessos.

O outro continua existindo,  
eu continuo inteiro.

O mundo que partilhávamos  
não existirá mais.

Sigo fluido.

## Intenso

A intenção não anuncia,  
reconhece-se no silêncio,  
na lucidez do olhar.

O **ser** não hesita,  
ele sabe:  
nem tudo precisa nascer agora.

Há um solo que sustenta,  
não exige forma,  
não pede nome.

## Mudar

O devir ocorre no presente,  
não como escolha ?  
consequência do estar.

O impulso interno rompe o hábito  
sem violência:  
já não cabe.

O **ser** assume forma  
sem se fixar,  
continua.

Não há isolamento.  
Há campo ?  
ressonância em movimento.

## Corrente

Conhecer não é possuir,  
é atravessar sem reter,  
é deixar o fluxo acontecer.

Observar  
ou absorver ?  
deixar passar.

Nem tudo que passa  
se dissolve.

Sem direção.

O **ser** flui,  
denso ?  
não essência,  
presença.

Caminho  
no percurso.

## Lembrança

Falei demais.  
O início se perdeu.  
Vício.

Entre desconhecidos.  
Olhares:  
indiferença,  
sombra.

A **lucidez do copo** teceu certezas.  
O momento cedeu.  
Ruíram.

Cada uma  
ergueu o próprio mundo,  
fechou-se.

A noite não uniu ?  
separou.  
Há espaço  
entre toques.

## Memória

Partículas em penumbra ?  
vinham, iam.  
Nunca corpo.  
Promessa sem raiz.

O coração, rubro, insistia.  
Pulso dicrótico, esguio.  
Mas o tempo dilacera.  
Alguns instantes ficam.  
Outros, cedem.

E no fim,  
permanece o eco  
do que nunca houve.

## Veredicto

Julgamentos no silêncio.

Medem.

Contam.

Antes do gesto, pesam.

Na densidade dos olhares,

mentes fatiam.

O subconsciente alheio

condena, sem tribunal.

Corte seco.

Não há controle.

O externo não toca.

Fazes do passo, travessia.

Do medo, origem.

Que julguem.

O ruído é deles.

O espaço, não.

Será teu próprio juiz.

Sentença ?

Quer.

Pode.

Faz.

E no fim, as vozes cessam,

restará apenas o teu veredito:

Viver.

## Certeza

A maçã cai  
A terra gira  
um e um são dois.

Dito pelo certo  
incerto não dito.  
Absoluta ?  
assinatura  
daquele que ignora.

## Dúvida

A dízima não periódica  
Vida além da morte,  
além do infinito.

Implantada  
através do real.  
Questão perene,  
sem fato.

Gerada pelo desconhecido.  
Símbolo  
do passo ainda não dado.  
Fragilidade humana.

## Consciência

Desejável  
alegoria na mão social.  
O previsível reside no ar.

Despertar,  
estar em si:  
corpo e mente.  
Sem metafísica,  
\_ "Adeus, ó Esteves!" \_

A mente alerta  
ao real,  
ao plausível,  
ao fato.

Toque,  
sensação.  
Presença.

## Fluidez

Rio.  
Sopros livres  
sob as areias do deserto.  
Águas cristalinas.  
Correntes.

Tempo atravessa  
a pele, cede.  
O rubro pulsa.

Brotam  
fios de tensão  
no movimento das ondas.  
Danço e luto,  
nas forças do mar.

## Dissolução

Rompo a moral herdada,  
ergo valores no vazio,  
afirmo a vida que arde,  
sou ponte sobre o abismo.

Não atravesso ? dissolvo o abismo.

Crio sentido no mundo,  
sou vontade que se afirma,  
amo o retorno do instante,  
Ec.1:9.

O mundo me atravessa.  
Eu me refaço.

## Contenção

O último final de semana do mês,  
se encerrará em silêncio,  
como se o mundo inteiro  
se recolhesse,  
apenas para que  
eu bastasse a mim.

Entre as paredes,  
tudo está em ordem.  
Ordem demais.  
Cada coisa no lugar definido.

Dobro roupas  
como quem contém um colapso.  
Penso no mar, um limite:  
ele me sustenta  
ou me engole.

## Sustentação

Trabalho com as mãos  
para que a mente não avance.

Parafuso,  
instalo,  
monto,  
crio,  
para atrasar o pensamento.

Intervalo exato  
sem excesso ou ausência,  
apenas o óbvio:  
Eu, comigo mesmo ?  
segurando o que ainda não caiu.

## Encosto

A mão contém.  
Não sustenta o equilíbrio ?  
segura o instante.

A ferramenta esfria.  
A broca já não gira.  
O silêncio não preenche ? ocupa.  
Assim ele pode ser ferido.

O que sinto pesa mais  
agora que ninguém vê.

Penso em água  
apenas por estar ?  
fluida, límpida.  
O pouco  
contido no mar.

O corpo cede.  
As costas encontram a parede.  
Não é queda ?  
é pouso sem exigência.

O colapso não vem,  
apenas o cansaço,  
o fim do expediente.  
Retorno para dentro de mim.

## Instante

Um olhar,  
em um estalo  
achei que o mundo ia dizer:  
"Vai".

Voltou só para sorrir,  
já sabe  
não pode ficar.

Acomodou-se ao lado,  
Aliança no anelar esquerdo ?  
Fora do alcance.  
Há sempre um limite,  
o encanto vem avisado  
mas ainda assim acontece.

Prosa trocada.  
Lucidez no tempo,  
tempo bastante para guardar,  
tempo de quem não será nada,  
mas deixa rastro.

Um caso.  
Um momento.  
Um quase.

Seguiu o seu caminho.  
Eu, o meu.  
E nada aconteceu ?  
exceto o que ficou em mim.

## Basto

Esconde o rastro  
entre a água e a margem.  
Sob chapéu e cajado  
desfila dia e noite.

Anda em silêncio  
entre tudo e todos.  
Observa.

Quando olha, seduz.  
Quando sorri, encanta.  
Não há fuga do laço.  
Há firmeza no passo.

Fala com a confiança  
de quem não perde  
nem ganha.  
Apenas vive.

E já basta.

## Íntimo

Arde como brasa na pele  
e estreita o mundo.  
Tudo converge para um ponto  
que pulsa firme.  
Carnal.

O olhar demora mais do que deveria.  
O tempo inclina e a razão cede.  
Desejo de posse.

O silêncio fica cheio.  
O instante, vivo demais  
para caber em si.

Propriedade.

## Vínculos

Amar.

Gostar.

Apaixonar.

Todos.

Próximos.

Amantes.

Somar,

não escolher.

## I - Lastro

Amar  
quer o bem.  
Não prende, não exige.  
Felicita-se  
com a luz que nasce no outro.  
É vasto, é aberto,  
é para todos.

## II - Lastro

Gostar

quer estar perto.

Calor da presença,

chão seguro.

Conversa leve,

partilha sem cobrança.

Riso frouxo.

Próximos.

## III - Lastro

Apaixonar  
quer para si.  
Pele que chama,  
olhar que fixa.  
Arde, queima, ilumina.  
O instante se estreita  
ao desejo.

## Eterno

Foi e será,  
mas o que já é  
carrega em si  
o ato de ser  
no universo.

Agora é carne,  
é sopro,  
é tudo.  
Presença sem ensaio.

Não há tempo mais vasto  
do que este instante  
que pulsa,  
que arde,  
que é.

## Presença

Grito calado.  
O corpo afirma ?  
ainda pulsa.

No silêncio do ser,  
o peso leve  
de estar.

Instante inteiro  
sem margens,  
transposto ?  
na crônica de existir.

## Presente

Que serei eu  
que nada sou,  
diante do todo:  
Fui.

Agora  
no espaço disponível,  
a suave cor do entardecer,  
arranca de mim  
a precisão de ser:  
rastro  
do que não se retém.

Tão simples quanto  
existir.  
Fugaz,  
repetido.  
Aqui.

## Unus

Nada começou inteiro.

O que existe é soma,  
não início.

Houve o tempo do impacto,  
o mundo exigia,  
não explicava.  
Seguir era insistência.

O corpo aprendeu,  
a mente seguiu.  
O silêncio ensinou  
pois não houve gente que o fez.  
A lucidez nasceu do desgaste,  
não do conforto.

## Duo

Vieram encontros  
que não ficaram,  
rotinas moldaram-se  
sem agradar.

Percepção limpa ?  
presença  
não garante vínculo.  
O espelho reflete ?  
cadeira vazia.

Tudo acontece em ajuste fino.  
Nada desaba.  
Nada resolve.  
O agora pede precisão.

## Tres

O corpo responde  
cansado.

A mente observa  
cheia.

Há menos ruído,  
o mundo não silenciou,  
escolheu onde escutar.

Relações no local exato  
entre o necessário e o possível.  
Sem abandono ou excesso.

Existir ?  
um ato consciente,  
sem espetáculo.

## Quattuor

O presente não promete,  
exige atenção.

Projeta-se adiante,  
uma construção contínua.  
A própria realidade.

Organizar sem engessar,  
crescer sem perder proporção,  
tocar o mundo  
sem diluir-se nele.

Soluto sem solvente  
não vira solução.

## Quinque

O que vem  
não busca redenção,  
visualiza continuidade  
com clareza,  
é engrenagem que gira  
sem descanso.

Ação sustentada,  
relação sem performa,  
vida que permanece estável  
em meio ao caos  
de existir.

## Sexto

Sem finais fechados  
ou verdades absolutas.

Ponte de corda  
entre penhascos.

Movimento constante  
de quem entendeu ?  
existir não é chegar,  
é manter-se inteiro  
enquanto atravessa.

## Isto

Palavras não expressam  
sentimento sólido no tempo ?  
presente em passado contínuo.

Caso de simples eterno,  
um instante real  
que perpetua.  
Amor.